



Açoriano

Director: Mário Carvalho

Antes morrer livres que em paz sujeitos

VOL. 6 Nº 5 JULHO / AGOSTO DE 2011



Homem da terra



Maria Alice Macedo

Correctora de seguros de prejuízo de particulares
Conselheira em segurança financeira

Silva Langelier
& Pereira Inc.

Tel.: 514 745.0425
Tel.: 514 282.9976



O Açoriano

EDIÇÕES MAR

4231-B, Bl. St-Laurent

Montréal, Québec

H2W 1Z4

Tel.: (514) 284-1813

Fax: (514) 284-6150

www.oacoriano.org

info@oacoriano.org

PRESIDENTE:

Sandy Martins

VICE-PRESIDENTE:

Nancy Martins

DIRECTOR:

Mario Carvalho

DIRECTOR ADJUNTO:

Antero Branco

REDACÇÃO:

Sandy Martins

COLABORADORES:

Debby Martins

Maria Calisto

Natércia Rodrigues

CORRESPONDENTES:

Açores

Alamo Oliveira

Edite Miguel

Jorge Rocha

Roberto Medeiros

FOTOGRAFIA:

Anthony Nunes

Ricardo Santos

José Rodrigues

Açores

Humberto Tibúrcio

INFOGRAFIA:

Sylvio Martins

CORRECTOR ORTOGRÁFICO

Kevin Martins

Envie o seu pedido para

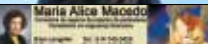
Assinantes

O Açoriano

4231-B, Bl. St-Laurent

Montréal, Québec

H2W 1Z4



Adeus amigo António Vallacorba

António Vallacorba, director do jornal a voz de Portugal, 2005-2011, poeta e grande defensor dos Açores em qualquer parte do mundo! Segundo Bertrand Russel *“O Medo da Morte só se Justifica na Juventude Algumas pessoas idosas vivem obcecadas com o medo da morte. Este sentimento só se justifica na juventude. Os jovens que receíam, com razão, morrer na guerra, podem legitimamente sentir a amargura do pensamento de terem sido defraudados do melhor que a vida lhes podia oferecer. Mas num velho que conheceu já as alegrias e dores humanas e que cumpriu a sua missão, qualquer que fosse, o receio da morte é algo de objecto e ignóbil. O melhor meio de o vencer - pelo menos quanto a mim - é aumentar gradualmente as nossas preocupações, torná-las*



cada vez mais impessoais, até ao momento em que, pouco-a-pouco, os limites da nossa personalidade recuem e a nossa vida mergulhe mais ainda na vida universal. Pode-se comparar a existência de um indivíduo a um rio - pequeno a princípio, estreitamente encerrado entre duas margens, arremetendo, com entusiasmo, primeiro os seixos e depois as cataratas. Pouco-a-pouco, o rio alarga-se, as suas margens afastam-se, a água corre mais calmamente e, por fim, sem nenhuma mudança brusca, desagua no oceano e perde sem sofrimento a sua existência individual. O homem que na velhice pode ver a sua vida desta maneira, não receará a morte, pois as coisas que o interessavam continuam”. Nos últimos tempos tenho andado rodeado da morte, provocada pelo cancro, muitos ganharam algumas batalhas mas não a guerra.

Quando ainda dolorosas lágrimas de luto e dor se quedavam do meu rosto pela recente morte do meu pai, eis que teimosamente mais uma vez a morte vem abalar o meu corpo com a morte do meu amigo, António

Vallacorba no dia 26 de Julho e a sua esposa Clotilde Costa Amaral dois dias depois, no mesmo hospital em Montreal, raramente isto acontece de morte natural marido e mulher juntos no mesmo funeral. Era um casal inseparável, mesmo na morte!

A última vez que falei com o António e a sua esposa foi no domingo de Pentecostes dia 12 de Junho era o dia da festa do Divino Espírito Santo de quem o António era muito devoto, após ter assistido a missa da coroação na igreja de Santa Cruz, e ter comido umas sopas fui eu a minha esposa e a minha filha mais nova visitar o casal amigo, o António num andar e a Clotilde num andar mais acima. Logo quando me viu as lágrimas vieram-lhe aos olhos, pediu-me que não abandonasse a comunidade açoriana, falasse e escreve-se sobre as nossas tradições, festas religiosas e profanas, das bandas filarmónicas e associações, fizesse tudo o que fosse possível para que a nossa comunidade estivesse cada vez mais unida. Ainda recorde a grande alegria que ele sentiu no dia em que ele lançou o seu livro de poesia *“Peito Açoriano”* que afinal é o nosso também, porque é dentro do nosso peito que vive a saudade, que esmaga o coração do Açoriano longe da terra que o viu nascer.

A comunidade portuguesa de Montreal em particular a de origem Açoriana ficou muito pobre com a perda do António Vallacorba.

O António conheci-o meados dos anos 80 era o único Açoriano que na comunicação social Rádio Centre-Ville e Jornal A Voz de Portugal se afirmava ser português diferente dos outros porque antes de tudo era açoriano, por nada neste mundo deixaria de falar com o sotaque micalense uma das mais belas prendas deste mundo é de ter nascido nos Açores. O António foi aquele que mais escreveu sobre a comunidade Açoriana até ao dia da sua morte, nada seria igual sem o seu contributo, incansavelmente, participou, relatou as festas religiosas e das associações, falou de política e dos problemas da sociedade, era um homem muito culto e bem informado. Tu foste um verdadeiro açoriano, poeta do povo! Não há gente como a gente, feliz e contente, com o pouco que Deus nos deu! Paz e sossego pela tua alma e da tua querida esposa !

Haja Saúde, Criança amiga!

Mário Carvalho

Caros leitores, neste momento tão doloroso da minha vida vos digo, Haja Saúde por alma do meu pai. Mergulhado no luto, sinto uma grande tristeza na minha alma, o meu herói morreu. Quando olhei o seu rosto já sem vida é que senti como era tão grande o desgosto de perder um pai! Hoje o que vou escrever, não é por querer ser egoísta para com a morte, nem fazer do meu pai um santo, muito menos que de mim tenham pena! Desde o dia da sua morte, tento encontrar razões para a aceitar e dar graças a Deus pela vida que ele viveu e também como tudo aconteceu! Sou crente e acredito que Deus existe, nada na vida acontece por acaso. Muitas vezes há coisas que uns vêem e outros não, tudo depende do estado de espírito de cada um de nós e do momento em que tais coisas acontecem nas nossas vidas,



que muitas vezes não passam de simples coincidências. O que irei relatar neste “haja saúde”, é para simplesmente reflectir que quando estamos fragilizados pela dor, procuramos conforto na nossa fé e como meu pai era muito crente no Espírito Santo ensinou-me a interpretar os sinais que Ele nos envia. No dia da sua morte quando saí do carro defronte a casa dos meus pais, uma criança de 8 anos, vizinha lá de casa, que eu nem conhecia aproximou-se de mim e perguntou se o Ti-Antonio que tinha morrido era o meu pai, eu disse que sim e a criança com muita emoção e lágrimas nos olhos disse: Que pena o ti-Antonio ter morrido, eu gostava muito dele. No dia do funeral a mesma criança foi acompanhar-lho até ao cemitério. Eu fiquei impressionado com a preocupação daquela criança!

Dias depois cedo de manhã, voltei a ver a mesma criança a brincar no caminho, dei-lhe 2 euros para ele comer um gelado por alma do ti-Antonio Serrador, aceitou e disse-me obrigado. Há noite, alguém bateu a porta da nossa casa, abri e ali estava a mesma criança acompanhado de alguns amigos, queria falar comigo, reparei que tinha nas mãos dois gelados de água (Mr. Freeze) disse-me: sabe com os 2 euros que me deu esta manhã comprei gelados, distribuí pelos meus amigos e tenho aqui 2 para as suas filhas para que elas também comem por alma do seu avô! Caros leitores, como é possível, uma criança daquela idade ter pensado daquela maneira? Podia ter comprado um bom gelado só para ele, no entanto preferiu comprar mais barato para poder partilhar com o maior número de crianças possível. Como me vinha embora na quinta feira, no dia antes

foi celebrada a missa do sétimo dia, apareceu a tal criança na igreja muito cansado, veio a correr porque estava a brincar com os amigos e quando se lembrou que já eram horas de ir para a missa. Depois da missa, foram distribuídas esmolas por alma do defunto como é tradição: sal, açúcar e leite. Minha mãe chamou-o e disse-lhe: Miguel aqui tens também a tua esmola como os outros, mas ele prontamente respondeu “minha mãe já teve” mas tu mereces insistiu minha mãe. Ao sair de casa com o saco nas mãos encontrou no caminho uma rapariga que não foi a missa porque estava a trabalhar, dirigiu-se a ela e deu-lhe o seu saco, dizendo: “isto é por alma do ti-Antonio Serrador”. Mais uma vez disseram fiquei abalado com o seu espírito de partilha para com os outros, coisa rara hoje em dia, porque cada um quer



para si e quanto mais melhor. Antes da minha partida, passou lá em casa e disse a minha mãe “o teu filho vai se embora, mas tia-Veneranda sabe quando precisar de mim estou sempre disponível, para o que for preciso” Aprendi que aquela criança não conheceu o avô paterno nem o materno, e que todas as vezes que passava perto da casa de meu pai ele lhe oferecia bananas para comer. No dia da celebração da missa do sétimo dia em Montreal (21 de Julho) um calor intenso, a temperatura era de 45 graus no interior da igreja, mas nem isso impediu mais de um centena de pessoas, familiares e amigos de marcarem presença depois da missa uma tempestade de vento acompanhada de relâmpagos desabou sobre Montreal e arredores.

Depois de meditar e reflectir, procurei resposta na bíblia e encontrei na devoção que o meu pai tinha ao Divino Espírito Santo. Criança, porque o coração de uma criança é puro, simples, humilde, inocente, alegre, sereno, amoroso, e confiante. Jesus disse: “Deixai vir a mim as crianças. Não as proibais, porque o Reino de Deus é dos que são como elas” (Mc 10, 14). O calor, vento e relâmpagos? Actos dos Apóstolos 2, 1-1 Quando chegou o dia de Pentecostes, os Apóstolos estavam todos reunidos no mesmo lugar. Subitamente, fez-se ouvir, vindo do Céu, um rumor semelhante a forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde se encontravam. Viram então aparecer uma espécie de línguas de fogo, que se iam dividindo, a manifestação do Espírito (Act 2,2-4). O Espírito é apresentado como “a força de Deus”, através de dois símbolos: o vento de tempestade e o fogo. **Haja saúde, e até a próxima se Deus quiser!**

Homem da terra

António Carvalho Cruz (Serrador), campeão mesmo na hora fatal

Nem ais, nem suspiros, nem um adeus final, foi assim que morreu o meu campeão o meu herói. Para mim ele era o mais forte, fui o último da família a vê-lo com vida naquela cama do hospital, onde permaneceu apenas 24 horas. Tudo se fez segundo a sua vontade.



Mais uma vez o destino marcou as nossas vidas e desta vez para sempre. Como lhe havia prometido em Outubro que voltaria no verão e voltei juntamente com toda a família. Queria que tu visses as tuas duas netas que já há três anos não vias, quando no aeroporto as encontraste, disseste à Mónica e à Sabrina que estavam grandes e lindas, mal sabia eu que era a última vez que irias estar presente à nossa chegada



ao aeroporto João Paulo II, Compreendi depois que quando te deixei pela primeira vez, no ano de 1983 com apenas 18 anos, foste tu que me acompanhaste ao aeroporto no Táxi, e no abraço da despedida me disseste não devias ir para o Canada, a vida aqui vai melhorar, espero que te arrependas, sabias bem porque razão aceitei este desafio, e confesso que me arrependi muitas vezes. mas o destino foi mais forte que



a minha própria vontade. Disseste-me que 3 semanas de férias era pouco, tinhas razão, 2 foram para estar contigo em vida e terceira para fazer o teu funeral e me ocupar da tua querida esposa, pois não querias que ela estivesse só no dia da tua morte.

Pai, hoje mais do que nunca, eu gostaria de estar perto de ti, sentir a tua presença calorosa, sei que só o posso fazer em pensamento, pois a morte nos separou naquela manha negra, do dia 15 de Julho de 2011. Passei os dias e as noites ao teu lado como tu querias, pois estava de férias, inconscientemente juntos conversámos e fizemos coisas que nem a morte faz esquecer. Quiseste andar de moto naquele sábado à tarde como fazias comigo quando era criança, tu a conduzir e eu atrás na caixa, estivemos juntos na adega, passei para os garrações o ultimo vinho que fizeste segundo as tuas ordens, desta vez nem te desobedecei, juntos vimos e ouvimos a cantoria ao desafio da Maria Clara da ilha Terceira e o Vasco Aguiar da Bretanha, que em novo trouxeste para cantar na Ribeira Quente, entre muitos outros, grandes cantadores, João Carvalho, João Plácido, Charrua, Maria Angelina (Trulu) José Gaudino, José Plácido, Barbosa etc. cantigas ao



desafio era o seu passa tempo preferido.

Fizemos serões até as tantas da madrugada, nem dava para perceber que a tua vida estava a chegar ao fim, as tuas netas estavam encantadas e já esperavam pela noite para juntos ouvir as tuas histórias de vida, momentos bons e outros difíceis, os barcos que tu tiveste, as redes de arrasto que fizeste



com as tuas próprias mãos de artista.

Que lindo serão foi aquele quando demonstraste ás tuas netas como fazias na tropa, apresentar-arma / olhar à direita / frente / ombro-arma/ descansar-arma/ descansar, tudo isso usando uma vassoura como se fosse uma espingarda, riam-se elas porque eu não fui tropa, felizmente tudo ficou gravado em vídeo.

No domingo antes da tua morte fomos juntos ao prédio ver as uvas e as bananeiras, estavas cansado mas ao mesmo tempo contente de ver que tudo estava limpo, as terras era o teu orgulho, sabe Deus o quanto gostavas de podar e amarrar

vinha, plantar e enxertar arvores de fruta, fazer vinho etc.

Também sei o quanto te marcou para sempre o meu desaparecimento em criança, durante horas naquela tarde de verão nas terras do garajau, foram muitas horas de sofrimento, todos pensavam que estava morto, na rocha do calhau do João Lopes ou então afogado no tanque de agua da fonte da velha, era rara a vez que não me falavas nisto, talvez era uma maneira de me dizeres o quanto me amavas, dizendo que apanhaste naquele dia nervos para o resto da tua vida.

Pai, sabe muito bem que tudo o que fiz na vida foi para que tu fosses orgulhoso de mim. Hoje sou um filho órfão, mendigado na dor de não te ter, a tristeza me acorrenta, fazendo com que a alma fique anestesiada na lembrança dos bons momentos que passamos juntos.

Mas mesmo distante, peço a Deus que derrame dos céus bênçãos de vitórias, iluminando a sua alma por onde andar. Sei que por inúmeras vezes, tive dificuldade para me conduzir por essa vida, houve tantas renúncias, tantos sonhos adiados que se perderam pelo caminho, e mesmo assim o teu sorriso sempre refletia o brilho e orgulho de ser pai. Agora que eu te perdi, é que vi o verdadeiro valor de ter um pai, um herói, um campeão cheio de garra que traz no coração um glorioso troféu, o de ter criado 7 filhos, amado a sua esposa, acarinhado os amigos e dar de comer a quem tinha fome. Neste momento de luto pai, quero dizer-te que esta distância que nos separa, serve somente para aumentar o amor e a admiração que sinto por si, meu pai. A distância atíça o amor que quebra as barreiras da saudade. Se a tua vontade era que eu como o rapaz mais velho fosse o herdeiro do teu nome (apelido) como tu do teu pai, então de hoje em diante podem chamar-me o "Mário António Serrador"

"Obrigado Papá" !



O Cantinho da Saúde

Natércia Rodrigues

Gota: Aparentemente um problema de pouca expressão, a Gota constitui, no entanto um desconforto elevado para o organismo, sobretudo masculino, muito embora as mulheres também possam ser afectadas. De um modo geral, a Gota caracteriza-se por um distúrbio no metabolismo do ácido úrico através do qual este se deposita em vários tecidos do organismo. É comum esse depósito em locais como as articulações e tendões, na forma de cristais de urato de sódio, provocando inflamação. Estes cristais formam-se quando os líquidos orgânicos desenvolvem uma alta concentração de urato de sódio que excede a solubilidade limitada do composto. Este aumento pode ser atribuído à formação ou diminuição da eliminação renal e, secundariamente, intestinal, podendo também ocorrer ambos os factores.

Grupos de risco: Apesar da incidência ser maioritariamente masculina, uma vez que se situa praticamente nos 90%, é um facto que as mulheres também podem padecer desta patologia. Os homens são mais propensos à Gota em idades compreendidas entre os 40 e os 50 anos, sendo que no público feminino a prevalência pode ocorrer em regra 10 anos mais tarde. Os grupos de risco são pessoas obesas com um estilo de vida sedentário e, em consumidores de bebidas alcoólicas e bebidas gasosas, como a cerveja. Como já referimos acima, as mulheres raramente desenvolvem Gota antes da menopausa e geralmente têm mais de 60 anos de idade quando a desenvolvem. As crianças em regra estão praticamente fora deste grupo, bem como as mulheres com menos de 30 anos de idade.

Sintomas: A Gota começa por se manifestar com crises cuja origem pode estar associada à ingestão de determinados alimentos, sobretudo os ricos em purina, sendo de destacar ainda a combinação dos mesmos com o consumo de álcool. As crises também podem ser precipitadas por traumatismos minor, por uma cirurgia, por fadiga, stress emocional ou outros distúrbios clínicos, tais como uma infecção. O paciente começa por sentir ataques recorrentes de artrite aguda, provocados pela precipitação, nos espaços articulares, de cristais de urato monossódico provenientes dos fluidos corporais hipersaturados. Em termos teóricos a dor em regra começa à noite e é intensa o suficiente para despertar o doente. Embora qualquer articulação possa ser afectada, mais de metade das crises iniciais atingem o hálux (dedo grande do pé) - aproximadamente 90% dos doentes com Gota. Na mesma sequência, as crises de Gota manifestam-se por uma intensa dor que é frequentemente acompanhada por febre e calafrios. Seguidamente, a dor torna-se progressivamente mais grave até alcançar um ponto em que o doente não consegue sequer tolerar o toque da roupa ou as vibrações criadas por uma outra pessoa que entre no quarto. Devido ao incómodo causado, a crise aguda acarreta consigo insónias, incapacidade de encontrar uma posição confortável e pelo desenvolvimento de sinais semelhantes aos de uma infecção aguda, tais como tumefacção, pele brilhante e avermelhada ou arroxeadas. Ao mesmo tempo também se verificam sinais sistémicos de doença, tais como a frequência cardíaca rápida, mal-estar e um número elevado de

leucócitos que se detectam em análises laboratoriais.

Caracterização das crises:

Desde as crises mais leves, passando pelas agudas e progressivamente mais graves, a Gota pode conhecer diferentes apresentações sendo que, as crises leves costumam desaparecer depois de um ou dois dias. No caso das crises mais graves, estas evoluem rapidamente para uma dor crescente em apenas algumas horas e podem permanecer nesse nível por um a três dias, antes de ceder lentamente durante uma semana ou mais. É de anotar que, o desaparecimento completo dos sintomas pode levar várias semanas, amenos que os sintomas não sejam controlados e que se possam agravar.

Progressão da doença: Em situações não controladas da doença, é comum que ocorram agressões nas articulações cujas consequências são devastadoras, uma vez que, podem ocorrer focos inflamatórios conhecidos como tofos. O seu aparecimento ocorre após alguns anos de doença, formando-se deformidades pelo acumular de cristais de urato em nódulos pequenos, moles, subcutâneos, nos cotovelos, dedos ou dorso das mãos, nos pés ou em qualquer outra articulação. Também nos tendões, na cartilagem do pavilhão auricular, na membrana sinovial e no osso subcondal. Ao mesmo tempo, os doentes com Gota ou com excesso de ácido úrico, podem evoluir para um quadro de insuficiência renal, uma vez que, é através dos rins que ocorre a eliminação do ácido úrico. Os problemas decorrem da maior possibilidade de formação de cálculos de urato, prejudicando o seu funcionamento.

Tratamento: Como já se percebeu, a Gota é um resultado da acumulação de ácido úrico, nesse sentido, o seu tratamento requer a eliminação do mesmo como forma de libertação das áreas onde o líquido se acumulou. Assim, o tratamento visa eliminar as crises agudas e a correcção da hiperuricémia subjacente, sendo indicado que também seja direccionado para a reversão de quaisquer complicações que se tenham desenvolvido, levando em consideração quaisquer processos patológicos coexistentes. Logicamente que a sua prescrição deve sempre ser feita pelo médico que é quem melhor pode avaliar o problema e determinar a melhor solução a adoptar, já que, para além da terapêutica, na maioria dos casos é necessário ter em conta algumas medidas preventivas. Um ponto muito importante é evitar os factores que propiciam a formação de ácido úrico suprimido, sendo de anotar a necessidade de evitar a ingestão de determinados alimentos ricos em purina, combater a obesidade e a vida sedentária, e praticar a restrição alcoólica. Além disso, um aumento da ingestão de líquidos para otimizar a taxa de fluxo urinário e uma alcalinização da urina podem também ser benéficos no combate ao problema. É de ter em conta que, a prescrição deve ser feita pelo médico atendendo sobretudo ao facto de que, muitos dos medicamentos indicados para a Gota podem ter efeitos secundários que devem ser ponderados pelo clínico.

Nota: Entenda este artigo como meramente informativo e um ponto de partida para procurar ajuda aquando necessário.

O festival internacional de folclore em Drummondville...



Natércia Rodrigues

Pelo trigésimo ano consecutivo realizou-se na cidade de Drummondville o festival Le Mondial des Cultures entre os dias 7 e 17 de Julho. No quadro desta prestigiosa edição, a equipa propôs uma selecção de talentosos grupos de folclore, de artistas de renome, de espectáculos inéditos e de novos sítios de actividades. Foram a SAQ em colaboração com a Loto-Quebec, que tiveram o prazer de apresentar esta 30.ª edição do festival.

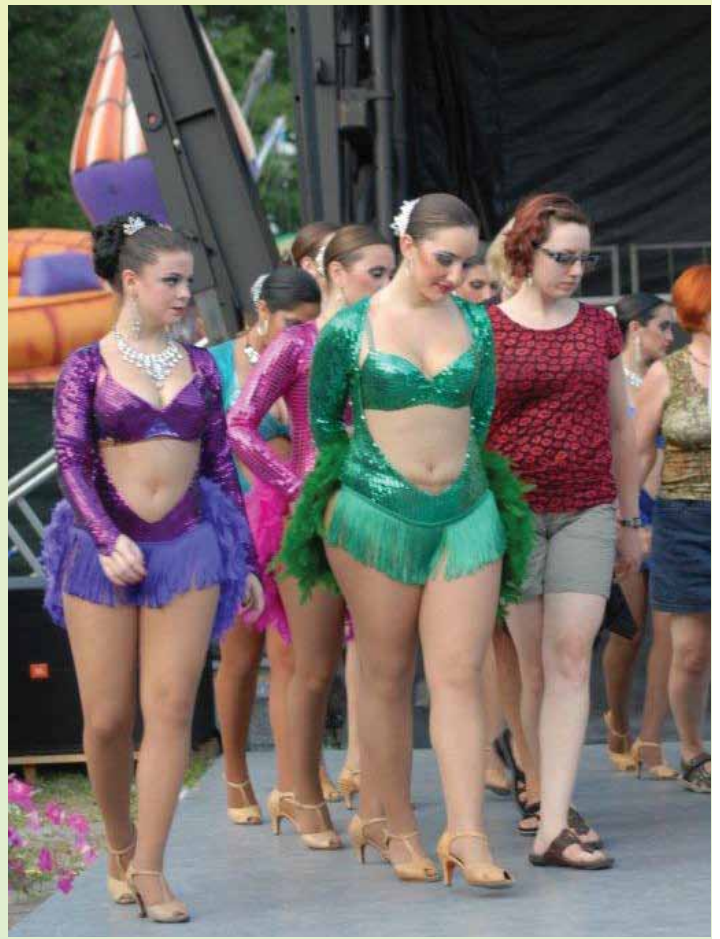
Já por varias vezes tive o prazer de assistir ao desfile que tinha lugar ao fim da tarde, mas este ano o desfile foi nocturno. Foi um espectáculo maravilhoso, com a colaboração de todos os grupos, de fanfarras, de carros transportando alguns cantores e gente do mundo do folclore. Assisti a um grandioso espectáculo de cultura popular, matizada de diferentes cores e ritmos culturais.

Retratos vivos dos costumes e hábitos das gentes do “mundo” foram trazidos aos olhos do povo de Drummondville e de todos os que estiveram presentes. São costumes que marcaram povos em tempos recuados lembrando formas da vida gloriante quando a própria vida antigamente era talvez bastante “preta”. As gentes desta cidade saíram à rua para assistirem à parada e viverem estes dias intensos de folclore internacional.

É um festival que envolve mais de dois mil benévolos. Recomendo a todos os adeptos do folclore a visitarem esta bonita cidade de Drummondville e a assistirem aos grandiosos espectáculos que nos são oferecidos por um módico preço.



O mosaico cultural de 2011, foi composto por mais de 500 artistas vindos do mundo inteiro. Estes cantores, dançarinos e músicos vieram da Argentina, da Algéria, do Brasil, do Burundi, da China, da Geórgia, do Gana, da Guadalupe, do México, da Moldávia, do País Baixo, do Peru, do Tahiti e do Vietname. Foram estes grupos acolhidos pelo grupo tradicional Quebequense Mackinaw. Durante este festival houve na igreja St. Frederic, a missa da Meia-Noite cantada pelos cantores de Opera Marc Hervieux, Caroline Bleau e Etienne Dupuis. Florence K foi a grande porta-voz do acontecimento, Marc Beland foi o encenador e Alain Labonte contra encenador.



Festejando

Os Madeirenses festejaram a sua padroeira...



Os Madeirenses tiveram a oportunidade de festejarem a sua padroeira em Montreal nos dias 5, 6 e 7 de Agosto. O Tríduo preparatório teve lugar com a participação do Sr. Padre Francisco Caldeira que veio expressamente da ilha da Madeira para esta festa da Senhora do Monte.

No domingo, a procissão saiu da igreja pela rua Clark até à rua Marie Anne, descendo a rua Saint-Urbain até à rua

Duluth e subindo pela rua Clark até à igreja. Abrihantaram a procissão a Filarmónica Portuguesa de Montreal e do Divino Espírito Santo, e incorporam também as diferentes Associações e Clubes portugueses, grupos folclóricos e convidados. Na parte sócio cultural participaram o rancho folclórico Português de Montreal e da Missão de Santa Cruz, o grupo fol-

clórico Madeirense de Toronto, o artista local Alex Camara, Décio Gonçalves de Toronto e João Luís Mendonça vindo da ilha da Madeira. Não posso relatar como se decorreu a festa pois estive em Toronto para uma reunião com os elementos do grupo do Grémio Literário, mas trouxe um pedido de um bom amigo de Toronto, o Joe Furtado proprietário da Amar Flo-



wer Shop e do sítio www.venuscreations.ca, para entrevistar João Luís Mendonça. João Luís é um homem muito simples mas com grande capacidade artística. Tive o prazer de o ouvir ainda um pouco e gostei da sua música. Temas como A Ilha é uma Flor, A Vida é Mulher, Meu Bailinho, fazem parte do seu CD "O Cantor e o Sonho". Este é o seu sexto CD após uma carreira iniciada em 1966 e que apesar de já ter estado em Toronto mais de uma vez, foi a primeira vez que foi convidado a participar na festa da Senhora do Monte em Montreal. Certamente vai voltar, pois o povo gostou da sua actuação.



Agência de Viagens portuguesa

AGENCE DE VOYAGES ALGARVE



681, JARRY ESTE, H2P 1W1



Temos ao vosso dispôr:

- Viagens para todo o mundo
- Especiais para as Caraibas
- Cruzeiros a partir de 799⁰⁰+tx
- Hotéis e pensões em Portugal a partir de 49^{00s} por noite
- Aluguer de carros a partir de 159^{00s} / semana
- Serviço de impostos
- Envio de contentores, barris e o nosso popular Cabaz de Natal

Uma força na comunidade - TEL.: 514 273.9638 OU 514 277.1934

Senhor da Pedra em Laval

É uma festa que marca profundamente a alma desta gente do concelho de Vila Franca do campo o culto ao Senhor, através da Imagem e da Procissão, expandiu-se a outras terras e continentes e fortaleceu-se ao longo dos séculos. Na alma de cada vilafranquense reside o amor ao Senhor da Pedra, que protege esta gente que labuta no mar e na terra.

É este mundo contagiante de fé, devoção, religiosidade inabalável, preces, sofrimento, saudade e alegria que os paro-



quianos da igreja de nossa senhora de Fátima em Laval, realizam há quase duas décadas no penúltimo fim-de-semana de Agosto, a Festa em Honra ao Senhor Bom Jesus da Pedra.

As festas constituem uma área muito importante e expressiva da vida cristã.

O concelho de Vila Franca do Campo é recheado de manifestações religiosas, profanas e culturais ao longo do ano.

As manifestações religiosas vilafranquenses remontam às primitivas romarias e procissões, em tempos de aflição, nomeadamente após a subversão de 1522.

Num arquipélago de origem vulcânica e em constante acti-

vidade sísmica, a devoção era o único refúgio deste povo e a única “protecção” contra as catástrofes naturais.

Entre as tradições, a que mais fielmente retrata a fé profunda dos vilafranquenses é, sem dúvida, a devoção à Imagem do Senhor Bom Jesus da Pedra, que tem o seu culto na igreja da Misericórdia.

No último fim-de-semana do mês de Agosto de cada ano, celebra-se em Vila Franca, com grande solenidade essa festa do Senhor, que atrai milhares de fiéis.

«Em tempos remotos, apareceu em uma das praias da antiga capital da ilha, um caixote, em cujas tabuas estavam escritas estas palavras: «para a Misericórdia de vila-Franca do Campo».

Abriam-no e viram com surpresa que encerrava uma primorosa imagem. Como ninguém a encomendara e como a sua proveniência era um mistério, assumiu este acontecimento as proporções de um milagre, que desde logo despertou a devoção popular.

O local onde foi achada a imagem se deu a designação, entre os vilafranquenses, de Campo Santo ou Corpo Santo».

Acrescenta ainda a pena de que: «Vila-Franca de Xira disputou a posse do precioso achado, mas perdeu o pleito, por ser expressa a indicação do lugar, a quem fora destinada a imagem».

Rezam ainda crónicas de que:

«A imagem teria sido lançada ao mar na altura em que o rei Henrique VIII, se encontrava revoltado com a igreja católica. Desse modo, os católicos ingleses, veriam como única solução a salvaguarda das suas imagens sagradas, o lançamento das mesmas ao mar, na esperança de que pudessem ser recolhidas e salvas, por fiéis devotos, evitando assim que fossem queimadas pelas perseguições anglicanas.

Assim, a imagem do Senhor da Pedra acabou por ser salva e ficou a cargo da igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, ficando na igreja de Santo André».

O culto centenário do povo de Vila Franca do Campo a Jesus Cristo, representado na Imagem do “Senhor da Pedra” que, não só em tempo de festa mas ao longo de todo o ano, continua a merecer respeito e veneração singulares dos vilafranquenses em qualquer parte do mundo

A Festa do Senhor Bom Jesus da Pedra é um dos mais belos exemplos da religiosidade popular açoriana.

A expressão pura que envolve tais festas demonstra perfeitamente a religiosidade desta gente. O Senhor da Pedra é um testemunho forte da fé, da crença e da devoção do povo vilafranquense. É uma festa que consegue mobilizar milhares de pessoas, nomeadamente os emigrantes, com saudades da família e da terra que os viu nascer. Para além de uma grande manifestação de fé, é também uma “tradição” que arrasta milhares de devotos à Antiga Capital. A Imagem do Senhor, que recorda o mesmo passo da Paixão do Redentor, parece ter um altar em cada coração vilafranquense.

O Homem Açoriano e a Açorianidade

Antonio Machado Pires

A história do homem açoriano começa nos meados do século XV. A das ilhas que habita perde-se num passado de dúvidas e lendas, que interessa à cartografia, à pré-história das navegações atlânticas ou mesmo a um mítico continente perdido, de improváveis fundamentos. Não são nem os mistérios insolúveis da lenda platónica da Atlantida, nem as complexas teorias geomorfológicas da crista médio-atlântica que nos preocupam agora. O homem açoriano sem antepassados só existe no mito nemésiano de M. Queimado, quando, numa conferência em Nice em 1940, Vitorino Nemésio brincou com a figura de Mateus Queimado, seu alter ego e estabeleceu uma mitogenia que desse consistência à identidade açoriana que, essa sim, o preocupava. Mas o homem histórico dos Açores de raiz quatrocentista, é pela sua provável diversidade de origens e pouca informação sobre ele, quase um desconhecido.

O homem e a mulher açorianos são, basicamente, o homem e a mulher da mundividência de princípios do século XV, i. é, influenciados pela atmosfera do Outono da Idade Média e pelos alvares do Renascimento-uma época de tristezas e incertezas de que fala Huizinga e de que dá testemunho o nosso Rei D. Duarte no Leal Conselheiro (1437-8), ao falar do “humor merencório” dele e da tristeza de tantos outros do seu tempo. Estava-se em plena história das navegações atlânticas e os mistérios do Bojador haviam sido desvendados (1434). As crises cerealíferas e a peste, este horrível espectro de mortes quase colectivas e súbitas, haviam ajudado a empurrar os portugueses para o Atlântico, primeiro a caminho de Ceuta em 1415, depois para a costa de África e para o meio do mar-encontrando (pelo menos oficialmente) a Madeira em 1419-21 e os Açores em 1427.

Pouco interessam agora os pormenores dos achamentos e a sua vasta problemática, das razões político-económicas às “razões de estado” e aos segredos diplomáticos. O homem continental é prudente para com ilhas Fez-se às ilhas não sem as ensaiar primeiro com coelhos no Porto Santo (descoberto em 1419) e com gado nas sete ilhas dos Açores, nas quais, ou em parte das quais, por carta Regia (1439) se afirma que o Infante D. Henrique lá mandara lançar ovelhas e as poderia mandar povoar. Foi o que se veio a fazer.

Os Açores constituem um arquipélago cuja extensão geográfica é igual em comprimento praticamente à do continente português, posto transversalmente, nos cerca de seiscentos quilómetros que separam o Minho do Algarve e Santa Maria do Corvo ... Um Portugal histórico começado em quatrocentos e mais de meio milénio adaptado a nuvens baixas, ventos húmidos e salinos, provações do mar e do vulcanismo imprevisível e aterrador, humidades relativas do ar de 70 a 100%, atmosfera pesada, a que visitantes ingleses mal humorados chamaram azorean torpor ... Mas não faltam a amenidade do clima, a vegetação luxuriante, a paisagem azulada e verde, onde o próprio verde, no dizer de Pedro da Silveira, é feito de vários verdes, e o mar enquadra o perfil de vulcões adormecidos, que não são só ameaças mas ricas encostas cheias de gado e de tranquilidade.

Numa paisagem vulcano-oceânica, preferentemente nublada mas amena e de férteis pastagens e densas matas, se estabeleceram populações um pouco por toda a parte, preferindo para “capitais” de ilha os litorais das costas Sul mais soalheiras e dividindo a sua actividade entre a terra e o mar, certamente mais àquela que a este, cujos rigores são frequentes.

Uma população dispersa por nove ilhas e por pontos muito diversos dessas ilhas (ainda que com um clima e uma orografia semelhantes), tem de ser ela própria também diversa. O isolamento fixa hábitos e cria “fidelidades” afectivas ao local da família e dos antepassados. Nem sempre é fácil comunicar entre ilhas nem mesmo na mesma ilha. De origens diversas, as populações dos Açores ainda se dispersaram e fixaram por muitos pontos. Esta já é uma condicionante idiossincrática importante. Não sabemos muito sobre donde vêm e quem foram os povoadores do Arquipélago.

Fica-nos em mente uma relativa certeza que os povoadores vieram um pouco de todas as partes de Portugal, a princípio e principalmente para Santa Maria e S. Miguel mais do Sul do País, depois um pouco de todo o País e um contingente importante de flamengos. Carreiro da Costa, no Esboço Histórico dos Açores, diz que “Santa Maria, como primeira terra açoriana a ser povoada, teve gente do Algarve e do Alentejo. S. Miguel, a seguir, beneficiou de famílias norte-alentejanas, estremenhãs e já madeirenses” (p.250). Razões de natureza gregária terão levado a que pessoas da mesma origem, por grupos, se fixariam predominantemente neste ou naquele lugar ou parte da ilha. Também parece lógico que os homens da confiança do Infante viessem chefiar a colonização. À resistência física ligaremos outros factores, como o amor ao risco e à aventura compensadora, outros na esperança de tranquilidade maior, outros afastados discretamente.

Sabe-se também que para a ilha de S. Jorge foi um contingente de degredados. Gaspar Frutuoso refere a importância de mouros no povoamento de S. Miguel, perfeitamente separados dos cristãos. A par dos mouros, os negros, os escravos. Pela importância do trabalho a realizar, os criados de lavoura devem ter abundado. Fugidos às perseguições religiosas, os judeus encontraram nas ilhas tranquilidade social.

Está assim esboçado um pré-açoriano, que “entronca em nobre e em plebeu” e esse pré-açoriano “foi o português dos Descobrimentos” - como explica Vitorino Nemésio em “O Açoriano e os Açores” (1932), texto a que teremos de voltar.1

Cedo houve também emigração da Madeira para os Açores, nestes da Terceira para o Pico e para as Flores, terras onde, por pequenez territorial, se começou a casar entre parentes próximos nas classes mais pobres e por conservação de riqueza e preconceito entre as classes nobres e possidentes. Esta endogamia agravou problemas, nomeadamente genéticos, a cuja categoria deve pertencer, lato sensu, a “doença dos Machados”, hoje a ser investigada.

A importância dos Flamengos, sobretudo no Pico e Faial (tam-

bém um pouco na Terceira e S. Jorge) e dos espanhóis exclusivamente na Terceira deve ser posta em destaque. Na toponímia a cultura flamenga deixou nomes significativos (Ribeira dos Flamengos, Espalamaca), na Antroponímia (Terra, Goulart, Silveira, Brum); Jos Van Huertere deu Horta; na tipologia, homens e mulheres com uma estatura, uma cor de olhos e pele e um somatismo característicos. Dos espanhóis é clara a origem da palatalização do l na Terceira: família (l junto de i semi-vogal), i. é, ouvindo-se família.

As teses linguísticas sobre os falares dos Açores poderão ser uma importante contra prova acerca do povoamento.

De uma forma geral, os falares dos Açores e Madeira devem ser agrupados como falares do Português Meridional. Não se verificam nos Açores (nem na Madeira) dois traços fundamen-



tais caracterizadores do Português Setentrional:

Os açorianos criaram, pelo isolamento e pelas dificuldades e incompreensões de um poder distante, uma espécie de lenda negra de abandono e incompreensão, uma consciência traumática que pode levar àquilo a que chamaremos açorianidade traumática. Tal atitude não se verifica só entre (principalmente) certas ilhas (como S. Miguel) e o Continente, mas entre ilhas. O complexo traumático de centralismo em relação ao Terreiro do Paço repete-se entre as ilhas do Oeste (principalmente na Terceira) e a Praça Gonçalo Velho, “Terreiro do Paço” da ilha maior e Boceta de Pandora de males de um centralismo de capitalidade insular. Sendo S. Miguel e Terceira as duas ilhas de maior peso económico e com tradições históricas específicas (uma de carácter mais autónomo, outra de carácter mais nacionalista patriótico, anti-castilhano e pró-liberal), é explicável

que polarizem a maior tensão de bairrismos, que também existem entre outras ilhas e dentro da mesma ilha. Estes deuses e demónios da dispersão e diversidade açoriana não evitam porém a coesão em horas de perigo comum, não devendo ser nem subestimados nem dramatizados. Os Açores nasceram sob o signo de dispersão e da diversidade humana e social, sob a égide e a fatalidade de uma geografia comum e condicionante. Não adianta ignorá-la, nem a ela nem aos homens que nela vivem. Daí que haverá certas tensões entre ilhas, como entre estas e o Continente. Na dialéctica do homem de ilhas versus o homem de continentes existe um factor de mistério e incompreensão tradicional e estrutural que convém desdramatizar. Viver em ilhas tem o seu preço: preço no sentido real, concreto, e preço no sentido moral. Apreciar a condição de viver em ilhas-o seu clima,

a sua paisagem, as vantagens do seu grau de isolamento, a criatividade já impossível nas grandes cidades, a sua dimensão mais humanizada-implica também renunciar aos mitos das grandes urbes e o seu consumismo, a sua intensidade de vida, o seu prestígio para certas carreiras. O açoriano-”... um português da segunda metade de Quatrocentos, introduzidos nele os coeficientes de correcção que o viveiro insular elaborou” -escreveu Nemésio no tão citado artigo “O açoriano e os Açores”. Um produto geo-humano disperso por uma pequena sociedade insular, hoje mais aberta ao mundo sem fronteiras. Desconhecida durante muito tempo. Desconhecida porventura hoje.

Visitantes como Leite de Vasconcelos, no *Mês de Sonho* (1926), Raúl Brandão nas *Ilhas Desconhecidas* (1926), Hipólito Raposo em *Descobrimos Ilhas Desconhecidas* são exemplos de intelectuais portugueses que apreendem a atmosfera física, social e cultural dos Açores. Mas Nemésio é, por ventura, o maior divulgador dos Açores, não só pela informação

de qualidade que emerge nos seus escritos, como pela expressão estética, lírica e filosófica, da singularidade do viver ilhéu, alçada a valor universal. O seu exemplo projecta-se nos numerosos escritores que, dentro ou fora dos Açores, tomam estas ilhas como referência íntima e motivo da sua escrita.

Falando de si quando fala dos outros, permitindo ver a sua conterraneidade quando só quer falar de si mesmo, Nemésio exprimiu lapidarmente o mistério do de safio de viver em ilhas e o encanto de as lembrar, pois

“A Esfinge do mar é a ilha, levanta-se no deserto de águas como a pétreo cabeça que afrontava Édipo na estrada de Tebas (...)”. 7

Os açorianos e aqueles que estudam o arquipélago enfrentam há mais de cinco séculos o olhar esfingico das suas nove ilhas, com os mistérios do seu passado.

Festa do Chicharro encerra com saldo muito positivo

“As nossas expectativas eram muito boas, mas superou claramente o que estávamos à espera. Os fans da Festa do Chicharro compreenderam que não havia outra forma de realizá-la a não ser nestes moldes. O público participou em massa e por isso quero deixar um muito obrigado aos fiéis admiradores da Festa do Chicharro”. Foi assim desta forma que o Presidente da Associação Cultural e Desportiva Maré Viva; Ruben Melo, se dirigiu aos visitantes que durante os 4 dias da Festa do Chicharro passaram pela freguesia da Ribeira Quente.

Segundo o mesmo, o sucesso do festival, que arrastou multidões para a localidade piscatória do concelho da Povoação, deveu-se à disciplina introduzida pela nova direcção. “Estou a representar uma associação de 15 elementos que dá muita importância à segurança do festival. Fizemos um planeamento onde a tónica da segurança foi muito debatida e quisemos fazer um reforço a este nível de forma a melhorar significativamente o que havia sido feito até à data, com a PSP e os nossos colaboradores a fazer um excelente trabalho”, referiu Ruben Melo.

A conjugação de esforços entre várias forças da comunidade também foi outro dos factores que contribuiu para o êxito da Festa do Chicharro. “Estivemos todos a trabalhar para que tudo corresse da melhor forma: a nossa cooperativa, os



nossos escuteiros, a nossa Associação, todos estiveram a trabalhar nas barraquinhas, na bilheteira, no restaurante, e até pessoas amigas das Furnas e do Nordeste ajudaram de livre vontade. Não há palavras para agradecer a toda esta gente”, afirmou o Presidente da Maré Viva.

A realização da XXII Festa do Chicharro contou também, para além do contributo do público, com o apoio governamental, empresarial e local. “A primeira etapa foi arranjar patrocínios para podermos fazer o festival. Tivemos muitas



pequenas empresas a ajudar-nos, mas também o governo e outras entidades locais, que de uma ou de outra forma, deram aquilo que podiam e tudo isto foi precioso para a realização da Festa. A todos os que nos ajudaram o nosso muito obrigado”, acrescentou Ruben Melo.

Recorde-se que a edição deste ano contou com os Expensive Soul e Starlight, como cabeças de cartaz, mas também com DJ'S e ainda bandas locais e da ilha que abriram os conjuntos principais.

Para o ano está garantida mais uma edição e a organização promete nova Festa de arromba com muitas surpresas.

O Castanheira existe desde 1970, sempre ao serviço da nossa comunidade portuguesa



3907 BOUL. ST-LAURENT MONTREAL (ESQUINA NAPOLEON)

TEL.: 514 849.5554

Título de cidadão honorário para mentor das festas do Espírito Santo da Nova Inglaterra, Heitor de Sousa

Heitor de Sousa, co-fundador das Grandes Festas do Espírito Santo de Ponta Delgada, em 1976, e o primeiro responsável pela criação e desenvolvimento das Grandes Festas do Espírito Santo da Nova Inglaterra, em 1986, vai ser agraciado pela Câmara Municipal com o título de “Cidadão Honorário de Ponta Delgada”.

atividade notável de natureza social em prol da dignificação comunitária da nossa primeira e mais representativa cidade-irmã na costa leste dos Estados Unidos da América”.

Segundo regista a proposta, a “meritória acção cívica de Heitor de Sousa em prol de Ponta Delgada e dos Açores foi já devidamente reconhecida pelo Governo de Portugal com

a atribuição da Medalha de Mérito em 1993 e, mais ainda, pelo Presidente da República Portuguesa com a Comenda do Infante D. Henrique em 2007, como justo reconhecimento dos elevados serviços prestados à nossa comunidade de Fall River”.

O Comendador Heitor Miguel de Medeiros Sousa é natural da freguesia de Rabo de Peixe, concelho da Ribeira Grande. Foi, por duas vezes, distinguido como “Emigrante do Ano” (1985/87 pelo jornal “Correio dos Açores”, e em 1997, pelos Amigos de Rabo de Peixe da Nova Inglaterra). Como profissional tem um percurso de vida dedicado à gestão e ao serviço público, onde se destacou

como Gerente do escritório e representação do Banco Comercial dos Açores, em Fall River), e Solicitador Diplomado em Portugal, e Consultor e Notário Público de Fall River.

Na comunidade açoriana de Fall River, cidade-irmã de Ponta Delgada, e da costa leste é conhecido como a grande figura das maiores festas portuguesas dos Estados Unidos da América.

Com a atribuição do título de “Cidadão Honorário de Ponta Delgada”, Heitor de Sousa entra para a história de Ponta Delgada e na sua lista de homenagens a individualidades nacionais, não naturais do Concelho de Ponta Delgada, ou estrangeiras, que se hajam destacado por serviços distintos e relevantes ao Município ou aos seus munícipes, ou que hajam contribuído inequivocamente para a promoção e prestígio do concelho; requisitos cumulativamente preenchidos pelo comendador Heitor de Sousa.



A distinção será atribuída por Berta Cabral, nos Estados Unidos, justamente, na ocasião das comemorações do 25º aniversário das Grandes Festas do Espírito Santo da Nova Inglaterra, que se realizam já este fim-de-semana, em Fall River, onde a Presidente marca presença como convidada de honra.

Na proposta, assinada por Berta Cabral, à Câmara Municipal, a Presidente da autarquia destaca a “*influência tutelar de Heitor de Sousa*” na organização ininterrupta das Grandes Festas do Espírito Santo de Nova Inglaterra, agora a celebrar 25 anos e que constituem a maior celebração popular dos portugueses na América e consubstanciam o espírito da geminação das cidades de Ponta Delgada e Fall River.

A autarca assinala que “Heitor de Sousa, para além desta organização emblemática, desenvolveu outras manifestações marcantes de relevância cultural, como o Festival de Bandas de Música da Nova Inglaterra, a par de toda uma

Montreal na mira do BANIF

No passado dia 24 de Agosto, o representante do Banif em Toronto Sr. José Faria, convidou algumas individualidades e representantes de grupos associativos da grande região de Montreal para um jantar organizado pelo Grupo Banif no Restaurante Estrela do Oceano, com a presença do administrador do Banif e também responsável pela zona dos Açores Senhor António Rocha Moreira.

O Grupo Banif teve origem em 1988 na Região Autónoma da Madeira, estendendo progressivamente sua atuação em Portugal Continental e Região Autónoma dos Açores.

O Grupo ocupa hoje a liderança nas economias madeirenses e açoreanas, através do Banif - Banco Internacional do Funchal e do BCA - Banco Comercial dos Açores, e marca uma presença cada vez mais forte no território continental e junto às comunidades portuguesas residentes no exterior. Possui presença no Brasil, costas leste e oeste EUA, Canadá, Venezuela, África do Sul e Grand Cayman.

Também referiu que quando queremos mudar as coisas é necessário mudar de equipa (governo) por isso segundo o economista, Portugal vai ter alguns anos de muito sacrifício mas está no bom caminho no cumprimento do acordo da Troika.



“Piora a nossa vida em ir buscar liquidez e a verdade é que algumas entidades já escolhem os bancos consoante o rating, neste momento os bancos têm dificuldade em obter a liquidez que precisam para financiar as empresas, confiemos o banqueiro”,

Mas a razão principal que trouxe a Montreal o membro do conselho de administração do Grupo-Banif foi para tornar público o elevado interesse desta instituição abrir um balcão representativo em Montreal como já acontece em Toronto.

A proposta será apresentada e estudada em breve pelo conselho de administração!

Concluiu a sua intervenção dizendo que para ser um bom profissional é necessário haver um contacto pessoal, há 15 anos que é o responsável do Banif Açores, vai aos Açores duas vezes por mês e diz ter uma relação profunda com os



Açores aonde já residiu no passado.

Parabéns ao Sr. José Faria pelo esforço em querer fazer chegar a representação do BANIF até nós, para melhor servir os seus actuais e futuros clients a residirem na provincia do Quebec.



O Grupo Banif é hoje um conglomerado financeiro com uma vocação de banco múltiplo na sua oferta de produtos financeiros, liderado pela holding Banif SGPS, com acções transacionadas na Euronext.

Apoiado por uma vasta rede de distribuição multicanal, tem hoje uma operação internacional em expansão, e pretende ser uma referência quanto à qualidade de serviço e de excelência na gama de produtos disponibilizados.

A atuação do Grupo pauta-se pela oferta de serviços especializados nas áreas de crédito, poupança, investimento, leasing e seguros, concretizados através de um portfólio diversificado de produtos e negócios que potenciam a satisfação das necessidades financeiras de cada cliente em particular.

Após o jantar que foi de óptima qualidade, o Senhor António Rocha Moreira, usou da palavra para explicar e dar a conhecer a posição do Banif no mercado nacional e internacional e da actual difícil situação económica e financeira de Portugal.

Portugal vive duas situações difíceis: excesso de individualmente, e a conjuntura dos mercados financeiros mundiais.

Polvo Assado à Moda de S. Miguel

Colaboração de Tomás José Necho Ribeiro

INGREDIENTES:

- Polvo
- 2 cebolas
- Tomate pelado
- Polpa de tomate
- Massa de pimenta
- Vinho tinto
- 2 caldos de carne Knorr
- sal
- Batatas

CONFECÇÃO:

Coloca-se uma panela ao lume com água a ferver. Derrama-se a água a ferver sobre o polvo que deverá estar colocado num alguidar.



Entretanto, num tacho colocam-se as cebolas bem picadas e o tomate pelado que se deixa refogar.

Junta-se os 2 caldos de carne, a polpa de tomate e a massa de pimenta. Depois de bem puxado o refogado, junta-se o polvo (que se for grande deve-se cortar em pedaços) e deixa-se destilar.

Passados 15 minutos, regasse com vinho tinto e igual medida da água que esaldou o polvo, até cobri-lo. Deixa-se cozer, tomando o cuidado de não deixar ferrar.

Quando estiver praticamente cozido, junta-se as batatas que deverão apenas levar uma fervura. Desliga-se o lume e deita-se o polvo e as batatas num tabuleiro que vai ao forno, previamente aquecido.

Deixa-se ferver e apurar o molho, servindo-se imediatamente. Bom apetite.

Joseph Oliveira
Agent immobilier 3810
Cell: 514 236-6998

Olivia Paiva
Agent immobilier 3810
Cell: 514 707-8877

RE/MAX DU CARTIER
L'Équipe immobilière
Spécialisée en la vente de
immobilier résidentiel et
commercial. Nous sommes
aussi disponibles pour les
services de courtage.

PERFORMANCE

www.oliviapaiva.com

LAVAL - S. Vicente Paulo

Bungalow muito bem situado perto de todos os serviços com 3qts+1, duas casas de banho grande quintal, lareira, piscina **UMA MARAVILHA**

LAVAL - chomoulay

Bungalow com 3 quartos, cave terminada, grande terreno. Muito bem situado. **259 000\$**

VENDIDO EM 15 DIAS

NOTRE-DE-GRAÇE

DUPLEX RENOVADO 2X51/2 COM CAVE ACABADA COM COZINHA E CASA DE BANHO GARAGEM TODA RENOVADA. 3 ANDARES LIVRE AO COMPRADOR

LAVAL - S. Vicente Paulo

Bungalow completamente renovado de A a Z cave terminada estacionamento para 2 carros **IMPECÁVEL**

ST-DENIS AO CANTO DE LIÈGE

5plex | 1x71/2 + 1x11/2
Casa 30'x50' com terreno 30'x50' com grande cave e quintal com estacionamento para dois carros **IMPECÁVEL**

VENDIDO EM 7 DIAS

MONTREAL - PLATEAU

VENDIDO

PENHORA BANCARIA
Na rua Berri a dois passos do metro Laurier, 2x51/2 com quintal 450 000

Tenho comprador sério para edificio de 6 ou mais apartamentos

MONTREAL - ST-URBAIN

VENDIDO

Frete da igreja Santa Cruz triplex muito bem situado **NÃO PERCA ESTA OPORTUNIDADE**

LAVAL - DUVERNAVY

VENDIDO

Bungalow com 3qts, com garagem grande quintal, muito bem situado

PARA MAIS INFORMAÇÕES PODEM NOS CONTACTAR
514.236.6998 ou 514.707.8877

Recordando



Quem são eles?

Marché Sā Et Fils Inc.

MERCEARIA PORTUGUESA Desde 1975 **TEL.: 514 842-3373**

Especiais até 23 de Setembro de 2011

- Tomates** **39¢ LB** Especial até 20 de Setembro
- Entrecosto** **1.69 LB**
- Azeite Ferma** **3.99 1L**
- Tuli Creme** **99¢ cada**
- Carapau Azul Atlantic** **1.99 cada**
- Oleo-Mazola** **6.99 2.84L**
- Milho em lata Portugalia** **79¢ cada**
- Camarão Cubano** **5.99 1Kg**
- Sumo Oasis** **99¢ 3x200ml**
- Dorada congelada Inteira** **6.99 lb**

4701 RUA ST-URBAIN, MONTREAL